

## A TIPOLOGIA E A ESTÉTICA EX-VOTIVA NAS AMÉRICAS.

**JOSÉ CLÁUDIO ALVES DE OLIVEIRA**

**RESUMO:** O presente texto advém de uma fragmentação de escritos produzidos para Encontros Anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) em 2012, com o intuito de elucidar os ex-votos das Américas, em especial a análise sobre as formas figurativas e artísticas, como as estéticas escultóricas, pictóricas e fotográficas, e o dinamismo que vem evoluindo através dos objetos industrializados e dos transgressores, embora com a mantida tradição dos milagritos, das cartas, bilhetes e fotografia. O trabalho parte de dados coletados, *in locus*, em salas de milagres e museus no Brasil, Argentina, Colômbia, Chile e México. Com teorias pertinentes à Folkcomunicação, de Luiz Beltrão, a História, de Michel Vovelle, iconografia, de Erwin Panofsky, a pesquisa, finalizada em 2025, busca situar questões relativas à gramática, aos discursos e à estética que trazem características marcantes e renovadas da rica tradição popular e religiosa de longa duração, que almeja a relação entre o crente e o ente superior, e que informa ao público em geral as glórias alcançadas, sejam elas na ingênua estética pictórica, sejam nos relevos, esculturas e fotografias.

### 1 O EX-VOTO

Ex-voto é o testemunho colocado através da desobriga em salas de milagres de igrejas e santuários católicos, em formas variadas de bilhetes, esculturas, quadros pictóricos, fotografias, mechas de cabelo, CDs, DVDs, monóculos, enfim uma infinidade de objetos que encontrados em sala de milagres, cruzeiros, cemitérios e museus.

As enciclopédias nacionais brasileiras seguem a mesma linha definidora do dicionário, ao conceituarem o ex-voto como quadro ou objeto suspenso em lugar santo, em cumprimento de promessa ou de memória de graça obtida. Ou ainda definindo-o como expressão de culto que quase sempre assume forma retributiva, concretizada na oferta de elementos materiais, em agradecimento de qualquer intervenção miraculosa ou graça recebida. (Oliveira, 2012)

Na Grécia, antes de Cristo, o médico Esculápio recebia daqueles a quem curava a reprodução do braço, perna ou cabeça do doente. Objetos que traziam em suas formas os traços, as marcas e os sinais, artisticamente detalhados, dos males ocorridos nas referidas partes do corpo. Esse costume se generalizou a partir dos gregos, tomando conta, por volta de 2000 a.C., de grande parte do Mediterrâneo, em locais sagrados, santuários, onde os

crentes pagavam suas promessas aos seus deuses. Os santuários de Delos, Delfos e Epidauro, na Grécia, notabilizaram-se pela quantidade e qualidade das ofertas recebidas. (Ibidem)

Hoje, no mundo, os pequenos e grandes santuários católicos apresentam acervos diversificados em suas salas de milagres ou em algum espaço livre da igreja. Os objetos ex-votivos ficam por pouco tempo nas salas, muitos deles são levados para museus, e outros são simplesmente descartados para o lixo, a queima ou a doação, quando são recondicionados para algum comércio. Salas famosas como as de Nossa Senhora Aparecida, no Brasil, apresentam a riqueza tipológica desses objetos, acompanhada por acervos musealizados, como em Guadalupe, no México, e Lujan, na Argentina.

Os objetos ex-votivos, em sua diversificada tipologia, primam-se de riqueza e se encontram multidisciplinarmente, passíveis de estudos em diversas ciências, como testemunhos históricos, fontes artísticas, media da cultura popular, fonte de literatura, da religiosidade católica; media que atesta variados valores do homem, e que, por divulgarem mensagens, mostram-se em múltiplas linguagens, desafios para as ciências das letras, da comunicação e da informação.

São quase que infinitos os tipos de ex-votos conhecidos, condicionando-se o maior número de determinado modelo ao próprio meio geográfico, embora isso não seja determinante, pois encontraremos modelos nordestinos na região Sul do Brasil, como podemos notar no Centro-Oeste também uma tipologia encontrada no Norte e Sul. A similitude entre Brasil, México e América Central. Há diacronia nessas regiões, como também um grande distanciamento na tipologia encontrada nos EUA. (v. imagens 1 e 2)



Imagens 1 e 2. A esquerda, sala de milagres de Chalma, México; à direita, Matosinhos, Brasil.

Claro que estéticas serão predominantes em vários locais, mas os modelos se dissipam por regiões afora e além das terras brasileiras, da América do Norte e Central. Toda essa aproximação e riqueza tipológica demonstram a expansão das romarias e peregrinações no mundo católico, que traz essa tradição milenar.

### **1.1 O ex-voto como objeto científico**

No Brasil, pesquisadores como Alceu Maynard Araújo (1913-1974), Clarival do Prado Valladares (1918- 1983), Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), Luiz Beltrão (1918-1986), Luís Saia (1911-1975), Maria Augusta M. da Silva, Mário Barata (1921-2007) e Oswald de Andrade Filho (1914-1972) preconizaram os estudos sobre os ex-votos nos campos das artes, literatura, museologia e comunicação. Anita Brenner (1905-1974), Jorge Gonzáles, Elin Luque Agraz (1953-2018), no México, nos campos das artes, literatura, antropologia e comunicação, e Michel Vovelle (1933-2018), na França, no campo da História, são os principais expoentes que edificam definições sobre os ex-votos.

É bem verdade que as pesquisas de Anita Brenner, Saia e investigadores do porte de Mario Barata ocorreram entre as décadas de 1920 e 1940, podendo-se notar, portanto, um considerável espaço de tempo para o crescimento dos ritmos religiosos, artísticos, tecnológicos e comunicacionais neste assunto. Beltrão, Valladares, Agraz, Gonzáles e Vovelle, a partir das décadas de 1960 e 1980, trarão maior contextualização, com teor que abarca a contemporaneidade.

Vale ressaltar que, mesmo com vários teóricos e pesquisadores falando de tipologia ex-votiva, o caráter regionalista do ex-voto não é determinante. Hoje é fácil ver ex-votos escultóricos nas salas de milagres do Nosso Senhor Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas do Campo, Minas Gerais; Bom Jesus de Chalma, México; como também são bastante visíveis os ex-votos pictóricos, as tábuas votivas com suas descrições nos museus dos Santuários de Aparecida, Brasil, e Guadalupe, México. Pode-se notar também todas as categorias e tipos reunidos na maior sala de milagres do Brasil, a da Basílica de Nossa Senhora Aparecida, e no santuário de Bom Jesus, no México, em cujas áreas externas, próximas à esplanada, encontram-se artistas e fotógrafos prontos para fazer ex-votos.

Do ponto de vista informacional estão os dados, as mensagens e informações contidas nos ex-votos, sejam eles claros, como os textos em bilhetes e cartas, que se pode

verificar questões como o da gramática, quando se percebe a linguagem, perfeita ou imperfeita, mas possível de compreensão dos fatos e acontecimentos narrados; e questões que, difundidas nas salas de milagres, explicitam o universo do indivíduo e de situações sociais. Ou nos casos ocultos das placas de carro, das carroças e casas em miniatura, dos miomas *in vitrum*, das mechas de cabelo, em cujos conteúdos estão os significados mais íntimos e escondidos do poder comunicacional.

Já os objetos artísticos necessitam de estudos iconográficos e iconológicos para a compreensão do conteúdo social que o crente quer expressar, pois carecem de um esforço metodológico maior para a tradução das mensagens que o fiel objetiva difundir.

Por esses fatores o ex-voto adentra no campo da teoria da comunicação, por se tratar de uma *media* que torna pública a voz do crente. Na rica tipologia das mensagens ocultas, em outros momentos facilitadas pelos bilhetes, cartas, inscrições ou na própria expressividade do objeto artístico, com os seus sinais e signos, sempre com um conteúdo comunicacional que, unido à rica tipologia, traz à sociedade a divulgação do sofrimento, da alegria, do amor, da dor, das conquistas que muitas pessoas exclamam no espaço “dos milagres”. No Brasil, duas obras literárias marcantes sobre o tema vem do Jornalista e comunicólogo Luiz Beltrão (1971) e da museóloga Maria Augusta Machado da Silva (1981).

Silva (1981) relata a evolução e consumação da sala em “sala de milagres”, cujos ex-votos vão para os museus. A autora estuda, em sua obra, a propagação de ideias baseadas na cultura proporcionada por um culto elucidado com fins de salvação, que em tese culmina com o acúmulo das desobrigas ex-votivas, mas que também a contingência de suplicantes de diversificados interesses aumentará.

Beltrão (1971) vê os ex-votos como *medium* potenciais para divulgação de questões sociais, individuais e coletivas, que o homem simples da cidade ou do meio rural cria e executa em um processo por ele chamado “folkcomunicacional”. O autor faz uma reflexão que exalta o ex-voto da década de 1960 brasileira:

Através dos ex-votos “corações sangram e com o seu sangue vai sendo escrita a história dos sofrimentos do povo nordestino, vítima das secas, dos latifúndios, das doenças e da fome. O ex-voto, na sua ingênua exageração de milagres é, na verdade, um veículo da linguagem popular, dos seus sentimentos. Agradecimento a Deus e protesto contra dificuldades e apuros da vida. (BELTRÃO, 1971, p. 148)

Hoje os ex-votos são deveras trabalhados, cientificamente, nos campos da Comunicação, Antropologia, História e Artes. É fato que hoje podemos encontrar novas publicações que contextualizam os ex-votos em diversos campos da Comunicação Social, quando eles são estudados e observados na bifurcação cultura de massa-cultura popular, mídias clássicas-folkcomunicação. Esse fator pode ser visto no Brasil, com produções que se agrupam em congressos, seminários, cátedras e grupos, como a Rede Folkcom (<https://www.redefolkcom.com.br/>). O termo folkcomunicação foi defendido em 1967, na primeira tese de doutorado em Comunicação Social do Brasil, pelo jornalista Luiz Beltrão, na UNB. Hoje deveras trabalhado por autores como José Marques de Melo.

As produções de Melo (2008) e Beltrão (1971, 2004), mais as novas dissertações e teses, se distinguem de estudos de pesquisadores folcloristas e artistas das décadas de 1950 a 1970 – ricas evidentemente – que se fixavam no tradicional, nos ex-votos pictóricos e nos escultóricos. Hoje, as pesquisas questionam “tradição”, “preservação”, “memória”, “tecnologia” e “*media*”, fazendo com que o ex-voto seja visto sem padrões, cujas formas foram alteradas pelas tipologias que não possuem limites, em espaços onde se vê de miomas *in vitrum* a computadores, de objetos fálicos em parafina a capacetes de pilotos de motociclismo e automobilismo, das cartas manuscritas às digitadas, dos pictóricos às esculturas e bilhetes digitalizados ou não.

No Brasil, por exemplo, os ex-votos, a cada tempo que passa, deixam de ser feitos por “riscadores de milagres” e santeiros, e vêm passando por uma etapa (ainda forte) fotográfica, até chegar às cartas, as placas, aos objetos orgânicos, às esculturas trabalhadas em alta reprodutibilidade, e até mesmo CDs, DVDs e agradecimentos em *sms* gravações mostrados em salas de milagres como as de Aparecida e Santa Dulce do Pobres. Esse fato é distinto no México, onde se pode encontrar o riscador de milagres e o cidadão que escreve as cartas ex-votivas, sobretudo em Jesus Malverde, Nativitas e Chalma, mantendo um rigor mais conservador na tradição.

## **2 A ARTE**

As pinturas em telas, tábuas ou papel, são as primeiras formas ex-votivas tradicionais a serem analisadas por pesquisadores, por se tratar de uma rica *media* que se projeta como importante testemunho de seu tempo. Seu aspecto narrativo estimula o espectador a descobrir

não só conotações religiosas subjetivas, mas também a realidade de um tempo e um espaço específico seja no meio rural ou urbano, em qualquer tempo, desde que projetem os acontecimentos que serão os registros de uma memória social (LE GOFF, 1996).

O ex-voto pictórico, marco tradicional dos ex-votos a partir do Renascimento, hoje pouco trabalhado no Brasil, largamente produzido no México, Portugal, Alemanha e Itália, traz em sua mensagem a escrita e a imagem encenativa, que conta uma história, e se mostra um forte veículo de emoções. O discurso que aparece nas tábuas e telas ex-votivas, ainda produzidas em Chalma, San Miguel del Milagro, Guadalupe (México) e Matosinhos (Brasil), dentro de seus elementos constitutivos, pertence ao alfabeto de uma escrita implícita, na qual a história narrada é a sintaxe. E nesse contexto estético, surge o ex-voto pictórico transgressor, que insere no contexto imagético uma crítica à sociedade, uma inserção de pessoas excluídas, o humor e a sensualidade que “quebram” o rigor canônico das pintura ex-votivas. (v. imagens 3 e 4).



*Merce que fez o Senhor do Bomfim a Maria da Silva, que estando [ ] Sua sogra doente de bixigas já dezeganada de serugõens e Medicos e [ ] Apegadoce Com o Senhor, Logo teve saúde a da sogra no anno de 1778*



*VIRGENCITA DE GUADALUPE  
GRACIAS POR SALVARME DE MORIR  
CUANDO FUI APUÑALADA EN HOTEL DE LA  
MERCED. MEXICO 2011.  
“LA MORENA”*

**Imagens 3 e 4. À esquerda, ex-voto setecentista de Matosinhos, Brasil; à direita, ex-voto transgressor, do século XX**

Como explica Prampolini (Apud AGRAZ, 1996), referindo-se ao que Frida Kahlo toma dos Ex-votos:

“Frida recoge del alma popular del exvoto (...) la sinceridad, el infantilismo de las formas y la realización de una verdad dicha de tal manera que parece encerrar una mentira, porque no hay limites que demarquen el mundo de lo real (...) y el mundo de la invención...” (p. 37)

No ex-voto está expressa uma verdade subjetiva que parece mentira aos olhos incrédulos ou “cultos”, e é tão real o acontecimento como a intervenção “extraterrestre” (no sentido espiritual) que se torna possível no milagre. (Idem, p. 47)

Um quadro é uma imagem, mas não é apenas isto; ou antes, a imagem, nele, é intimamente “atravessada” por mil configurações que, ao mesmo tempo, nos levam muito longe dela e nos introduzem em seu núcleo; até certo ponto, o quadro não é outra coisa senão a leitura que dele se faz: narração, descrição, cenário. (Metz, 1974. p.15)

As convenções artísticas nas pinturas ex-votivas brotaram de um interesse e participação coletivos, por isso a linguagem do ex-voto popular, seja do século XIX ou do XX, é similar na Europa e na América, como bem observa Anita Brenner (1929) ao dizer que “tanta gente atarefada pintando coisas comuns a todos, acaba desenvolvendo uma linguagem”.

Na sua tradição, disseminada da Europa às Américas, o ex-voto usa uma dupla narração: imagética e verbal. Em geral, a imagem, ou imagens milagrosas, vem na parte superior, proporcionando o redimensionamento do espaço celeste. O texto, em verbete, aparece na parte inferior, na maioria dos exemplos, embora haja tipos em que a narrativa textual, já no século XX, é colocada na parte superior central ou em diagonal superior.

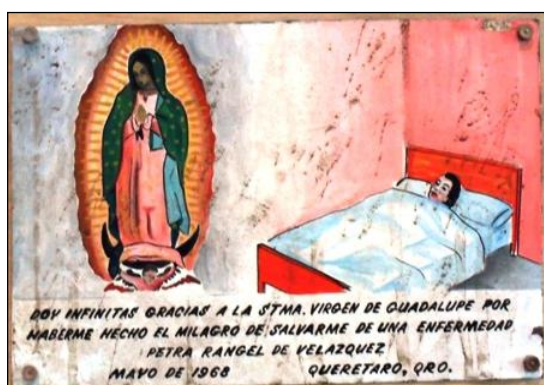
O texto oferece um comentário sobre o sucesso representado e em geral é curto e bastante objetivo. Ao mesmo tempo, as palavras são usadas como recurso prático da composição, para tecer uma informação mais precisa do fato ocorrido, do nome do padroeiro, da enfermidade, do estado do convalescido, a depender do caso.

Outras características comunicacionais marcantes que sobressaem na maioria das tábuas e telas ex-votivas são a ortografia, a fonética e o uso de termos da linguagem coloquial que deixam em evidência o nível cultural do “pagador da promessa” ou até mesmo do “riscador de milagres”. As legendas são redigidas em geral na terceira pessoa, com sintaxes nem sempre claras, num vocabulário popular e sem ortografia apurada, mas é importante assinalar que tudo isso mostra a espontaneidade, e provoca a simpatia de quem contempla os ex-votos pictóricos. Além do mais, mostra que, no universo comunicacional dos ex-votos, a gramática “errada” traz a compreensão no observador. (Luhmann Apud Oliveira, 2009)

Nos espaços pictóricos dos ex-votos há simultaneidade em dois caminhos: o da vida diária do crente e o sobrenatural da imagem divina, o qual oferece uma ampla gama de possibilidade à fantasia do riscador de milagres ou santeiro que tece a obra a partir da narrativa do crente. O mesmo acontece com as cartas ex-votivas de analfabetos que ditam para a pessoa

que sabe escrever, fatores ainda recorrentes em diversos cantos do Brasil, e percebidos recentemente nos santuários do Senhor de Chalma e San Francisco del Milagro, no México.

Os ex-votos possuem uma iconografia e simbologia próprias. A presença da divindade é um dos elementos definitivos do ex-voto, pois rompe com os fatos visíveis do mundo e “estabelece a realidade de todos os demais elementos integrados à pintura, proporcionando significação e movimento”. (Prampolini, apud Agraz, 1996, p. 58) (Imagem5)



DOY INIFITAS GRACIAS A LA STMA.  
VIRGEN DE GUADALUPE POR [ ]  
HABIERME HECHO EL MILAGRO DE  
SALVARME DE UMA ENFERMEDAD [ ]  
PETRA RANGEL DE VELAZQUEZ [ ]  
MAYO DE 1968 [ ] QUERETARO, QRO.

Imagem 5. Ex-voto de Guadalupe. 1968. Museu do Santuário de Guadalupe

No exemplo trazido pela Imagem 5, nota-se o enfermo sendo visto nua perspectiva aérea diagonal, onde a imagem da santa aparece ao alto, em maior tamanho e com cores fortes. A imagem flutua. Acamado, em leito de cabeceira vermelha, e sob o lençol, o fiel seguidor da Virgem de Guadalupe tem, nas palavras que traz o verbete em roda pé, a sua salvação. Na imagem, a aparição da Virgem. No relato, somente o agradecimento.

O estudioso desse assunto poderá perceber arranjo entre espaço, ambiente, luz e movimento na cena. No entanto, poderá compreender que o impulso da técnica objetiva tratar de um mundo de esperança onde é possível o milagre. Precisamente por isso situa elementos heterogêneos do mundo da invenção e do símbolo, mas distante do tempo cronológico e do espaço natural. (Calvo, apud Agraz, 1996, p. 73) Tudo (des)enquadrado com as mãos da cultura popular, do riscador de milagres que enriquece a Comunicação Social, a Semiótica e Semiologia, a História da Arte, e substâncias particulares do tempo, como a moda, mobiliário, enfermidades, acidentes, temas representativos da memória social e coletiva.

Assim, o ex-voto – pictórico e escrito – transmite forte dramatismo e leva aos espectadores emoções e, conseqüentemente, impulsos a, possivelmente, participarem da narração intimista do sucesso.

## **2.1 iconografia e iconologia, semiótica e semiologia.**

Embora faça parte da metodologia e procedimento de pesquisa, a iconografia é também entendida como o estudo das formas, da volumetria, dimensão, história e tipologia dos objetos imagéticos e tridimensionais. Dela, cuja principal fonte teórica advém de Panofsky (1976), sobressai a Iconologia, que tem como campo específico de estudo a interpretação dos valores simbólicos de uma composição, seja ela um quadro pictórico, uma fotografia, escultura, cadeira de rodas, por assim dizer.

O objeto da iconologia é representado por princípios que revelam a atitude fundamental de uma nação, de um período, uma classe, uma concepção religiosa ou filosófica, inconsciente ou conscientemente produzida. A Iconologia, ao contrário da iconografia, está preocupada com o conteúdo, a essência, a filosofia da imagem produzida. Para Panofsky (1976), o iconológico é o sentido da essência da imagem. Compreendemos, então, que a interpretação iconológica vai além do estudo da forma e da descrição.

Panofsky (1976) propõe a análise minuciosa das imagens e ícones, para a elucidação das formas, dimensões, saturação, velocidade, traços que possam trazer alguma informação. Por outro lado, o autor subdivide o conceito, tornando em evidência a iconologia, que para ele vem a ser uma base teórica relevante para o estudo das ideologias, por elucidar mensagens cujos códigos estão além do descritivo e formal, do escrito e verbal. A iconologia vai além do estudo das datas, origens e autenticidade – que são momentos iconográficos – para trazer a essência da mensagem, seu caráter intrínseco e psicológico.

Em resumo, Erwin Panofsky argumenta os dois conceitos como, também, métodos adotados para os estudos das imagens, a partir de identificações descritivas dos seus motivos – iconografia – e a análise da estruturação dos significados, visando à arte como um processo junto à sociedade, que é função iconológica.

Outra base teórica encontra-se na Semiótica, que possui como campo específico de estudos os sistemas de sinais não linguísticos, sua natureza, estrutura e função, e como tal é um instrumento útil na análise de qualquer sistema de comunicação, aqui tratado diante do ex-voto, notadamente aos formatos não artísticos e aos que não possuem bilhetes, os que guardam algo mais oculto ao observador.

Para analisar um acervo ex-votivo, deve-se estudar os signos (variação de sinais) utilizados nas diferentes linguagens (artísticas, escritas, fotográficas), sua natureza específica e os códigos, regras que governam o seu comportamento e utilização. (Vovelle, 1987) Tal

forma investigativa se aflora a cada momento em que um tipo mais hermético é catalogado, como placas de automóveis, roupas, mechas de cabelo, aparelhos ortopédicos, computadores etc, com mostra a imagem 6 a seguir:



Imagem 6 – sala de milagres do Convento do Carmo, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.  
Foto do autor.

Deste modo, a decodificação dos signos para elucidar as mensagens será feita a partir da semântica, ramo da semiótica que estuda os significados, que decodifica uma mensagem a partir dos signos. (Eco, 1991)

Umberto Eco apresenta várias noções distintas sobre esta questão. Não há necessidade de expor todas, mas apenas algumas que se aproximam do tema Ex-voto:

Imperfeições, indício, sinal manifesto a partir do qual se podem tirar conclusões e similares a respeito de qualquer coisa latente. (...) Qualquer processo visual que reproduza objetos concretos, como o desenho de um animal para comunicar o objeto ou o conceito correspondente. (Eco, 1977, p. 15-16)

A partir da noção de Eco (1977) pode-se remeter ao ex-voto a questão sígnica e simbólica. Isso implica, inclusive, na perspectiva do objeto enquanto testemunho, pois a semiótica permite desvendar aspectos signológicos dos objetos que trazem indícios de fatos e acontecimentos, quando a narrativa não é textual. E quando textual, a fusão interdisciplinar com uma semiologia aplicada ao discurso do crente, seja nas cartas, seja nos providenciais verbetes que traduzem as pinturas ex-votivas.

A razão desse sentido, refletido no parágrafo acima, decorre da “tradição ex-votiva”. Assim, o ex-voto, seja na forma escrita, artística ou na infinidade tipológica de objetos passíveis de serem analisados e interpretados, são passíveis à percepção visual e tátil,

proporcionando uma reserva para a decodificação-explicação da comunicação entre o crente e a divindade.

Para um pesquisador atento, é preciso, pois, usar de artimanhas para romper o silêncio, analisar os gestos, os comportamentos e as práticas tal como se revelam no objeto ex-votivo. E quando o silêncio se mantém, cabe recorrer à pesquisa oral, as entrevistas que podem auxiliar nas mensagens. Por fim, no contexto desses estudos realizados em todas as direções, percebe-se a importância privilegiada de que se reveste a imagem, sob todas as suas formas, para o conhecimento da sensibilidade popular tanto profana como religiosa.

De todos os testemunhos iconográficos possíveis, desde o quadro até a escultura, o ex-voto é sem dúvida o que materializa a confissão mais direta, não só por ser a menos estereotipada como também por ser a menos sofisticada, em outras palavras é a mais sincera. (Vovelle, p. 121-116)

Todavia, não há nenhuma razão em supor que a imagem ex-votiva possua um código que lhe seja inteiramente específico e que a explique por completo. A imagem é informada por sistemas bem diversos, dos quais alguns são propriamente icônicos e outros aparecem igualmente em mensagens não visuais. Aqui se levantam os problemas da iconografia (Panofsky, 1976), da superposição de vários códigos distintos numa mesma imagem (Eco, 1977) e, de modo mais geral, estratificações sócio culturais da imagem (Francastel (1973), Roland Barthes (1979), Pierre Bourdieu (2013) etc.) (Metz, 1974, p. 17)

O apelo feito pelos estudos icônicos a noções teóricas concernentes à significação, à comunicação ou à informação, não pode ser confundido com uma intrusão de conceitos “linguísticos” estranhos, conforme acreditam certos defensores da percepção visual. Pois certas noções linguísticas – mas não todas – receberam em seu próprio campo uma definição que tem por efeito impedir a sua exportação; outras penetram, por um lado, mas não totalmente, no instrumental metodológico da semiologia, que excede ao mesmo tempo o das análises linguísticas e o das análises icônicas, mas estas não podem ignorá-las se querem ser estudos culturais da significação.

E sobre o momento imagético revelado pelos ex-votos, baseando-se em Metz (1974), sobretudo nas fotografias e os tradicionais “*retablos*” (quadros pictóricos com legendas), há de se destacar cinco pontos importantes:

- A mensagem visual pode não ser analógica, ao menos no sentido corrente do termo. Encontra-se aqui, por um lado, o problema das imagens ditas “não figurativas” e, por outro lado, o problema dos ícones lógicos de Peirce, ou mais exatamente daquelas que são visuais;

- A analogia visual – e desta vez em sua compreensão corrente – admite variações que se poderiam chamar quantitativas. Trata-se, por exemplo, da noção dos diferentes “graus de iconicidade” em um autor como A. A. Moles (1969); é o problema da maior ou menor esquematização, da “estilização” em seus diversos níveis;
- A analogia visual admite variações qualitativas. A “semelhança” é apreciada diferentemente segundo as culturas. Numa mesma cultura há vários graus de semelhança: é sempre numa certa relação que dois objetos se assemelham. Assim, a própria semelhança é um sistema, ou melhor, um conjunto de sistemas;
- A mensagem visual [ex-votiva] pode apresentar em seu aspecto global um forte grau de iconicidade sem por isso deixar de incluir em si relações lógicas mais ou menos sistematizáveis (aquelas mesmas que, se são conservadas após neutralização de outros desvios diferenciais, permitem passar progressivamente do *analogon* mais fiel ao esquema mais abstrato). Estas relações não são icônicas se bem que apareçam no ícone; algumas delas são “arbitrárias”. Assim, a própria semelhança contém sistemas;
- Muitas mensagens ex-votivas, correntemente consideradas “visuais”, são na realidade textos mistos, e isto em sua própria materialidade: o caso das imagens ex-votivas com legendas.

Para Santaella (1992), não há separação entre cultura e comunicação, já que há uma produção cultural de formas midiáticas que servem de veículos comunicacionais que tornam a comunicabilidade uma práxis. O que confirma as relações interpessoais, interculturais, portanto intercambiais formadoras de uma fusão natural e “inextricável” (sic) entre comunicação e cultura. (Santaella, 1992)

A autora revela a impossível separação entre cultura e comunicação, ressaltando a semiótica apta a desempenhar um papel fundamental no estudo dos meios de comunicação ou aquilo que “preferimos (...) chamar de mídias” (sic, Santaella, 1992) nos berços populares e de massa.

É fácil perceber, também, que a arte não poderia escapar das considerações dos estudos culturais, uma vez que ela pertence ao domínio da cultura em geral. Na linguagem vulgar, e até mesmo filosófica, ela é tomada, por vezes, como sinônimo de cultura; considerada quase como a mais cultural das atividades culturais.

Para Langer (1971), a produção simbólica é um caminho potente no amplo que gira em torno da semiologia. Por produção simbólica, entende-se a produtividade coletiva de cada sociedade como forma de construção e encaminhamento do seu *modus vivendi*.

Langer (1971) parte do postulado de uma necessidade simbólica presente no homem, e diz que “a função de fazer símbolos é uma das atividades primárias do ser humano” (...), da mesma forma comer, olhar e mover-se de um lado para outro. “É o processo fundamental do pensamento, mas um ato essencial ao pensamento e anterior a ele”. (Langer, 1971, p. 51)

A referida autora trabalha com o duplo imaginário: o do pensamento (interior) e o prático-produzido (exterior). E com isso percebemos que, diante da simbolização, a arte carrega signos que são exatamente o significado do pensamento elevado pela (e na) sociedade, produto da exteriorização ideológica de um grupo, comunidade, país etc.

A produção simbólica abrange, ainda, a eleição de elementos, processos, formas, objetos preexistentes, tanto artificiais quanto naturais, para representação de ordens de realidade ou valores que, por um lado, são considerados transcendentais aos "suportes", mas por outro, neles (quando assim recontextualizados) se consideram presentes e manifestos. Compreende também, é claro, a construção de objetos e a estruturação de esquemas ideológicos que visam muito além do campo da experiência, ou que simplesmente não lhe correspondem (crenças v.g.) – e engloba, inclusive, a definição de praxes e normas que tem semelhantes esquemas por fundamentar.

Vemos, então, a força que tem a arte (pela carga simbólica que traz em seu bojo) em representar os elementos significativos de uma dada sociedade. O trabalho, e a constante produção-reprodução de símbolos que retratam e desenvolvem o *modus vivendi*, a crença e as atitudes são pertinentes a uma comunidade e constituem uma constante essência da produção cultural, que desemboca conseqüentemente na identidade cultural, tornando vivo o referencial significante da civilização.

## CONCLUSÕES

Os ex-votos são ricos objetos que podemos, a partir de campos distintos, vê-los como documentos, testemunhos culturais ou *medias*. Além de expressarem questões individuais e coletivas do homem, eles demonstram ser objetos de arte, retratados bi e tridimensionalmente.

Os ex-votos não possuem qualquer poder sobrenatural de transformação ou melhoria. São simplesmente o testemunho de um milagre. E não são privilégio de uma classe social. Pessoas famosas, políticos, mestres docentes e outros profissionais liberais possuem os seus ex-votos em salas de milagres e até mesmo em museus. E fazem

juntamente com as consideradas pessoas mais simples que se pode pensar, os camponeses, trabalhadores em geral e pessoas sem emprego fixo.

A pessoa de fé eventualmente participa da feitura do objeto ex-votivo, quando este é produzido artisticamente, pois procura exaltar o sinal da doença, no caso, ou elucidar a necessidade de algum bem, como a casa própria e o rancho, por exemplo.

Hoje, e especificamente no México e no Brasil, os ex-votos estão em uma grande variação e diversidade. Frutos de mudanças que aconteceram e acontecem no mundo da religião e das artes. Embora, no México, se nota a tradição do ex-voto pictórico, e no Brasil, as esculturas de diversas formas e materiais são uma constante.

Com relação à religião, se percebe o aumento das romarias e a fé nos padroeiros. Isso leva as pessoas a pedirem a graça ou pagarem a promessa de várias maneiras possíveis. Por exemplo, com um cartão de vestibular ou um painel de automóvel etc. É a variação e diversidade no tempo, nas transformações e intenções pessoais, que saem do campo das artes, mas emplacam uma nova estética.

Já no campo das artes, nota-se o aumento das fotografias coloridas, em *9X13*, *3X4* e *pôsteres*. No mesmo momento em que novos formatos vão se criando, os tradicionais são mantidos, mesmo que numa tipologia diferenciada. Também se pode notar as maneiras artesanais de se fazer maquetes, chapéus de palha, carrinhos de pau e bonecas de panos.

É na arte que, em nível de forma, o ex-voto se mostra um objeto ainda mais rico, isso devido à sua representação diversificada, manual ou industrial. Mesmo com a alta reprodutibilidade da arte e do alto número de ex-votos industrializados, a arte perdura. Está nas esculturas e pinturas, nos estandartes e nas inúmeras miniaturas.

São muito pouco os riscadores de milagres no Brasil. Ao contrário do México, onde os retablos tradicionais e transgressores são de grande circulação em santuários e até mercados. Os ex-votos de madeira esculpida tradicionais são por demais trabalhados no Brasil, como os de madeira em destaque no Nordeste, e os de parafina no Sudeste. Essa tipologia é pouco encontrada no Sul e Centro Oeste brasileiros. Sobre as esculturas, no México e América Central, pode-se atestar que a tradição dos *milagritos* (de variadas formas e materiais) é constante.

Vale ressaltar que muitas das obras de artes, que não carregam o estereótipo do ex-voto, produzidas pelos artistas locais, vão como promessas para as salas de milagres.

Exemplos importantes são as carrancas (Brasil) e miniaturas dos santuários (todos). A intenção, neste caso, é do próprio crente.

Romarias e movimentos sociais tornam os ex-votos mais significativos à fé. Mas também possibilitam que esses objetos elucidem questões relativas a doenças, carências, riqueza, morte, amor, tristeza, desejos e felicidade. Questões que enaltecem o social e que mostram a situação de pessoas das mais variadas classes e gêneros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRAZ, Elin Luque; BELTRAN, Michele. **Dones y Promesas: Exvotos Mexicanos**. Mexico: Fundación Televisa, A.C. 1996. 279 p. Il.

BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. 19 ed. Tradução de Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: Teoria e Metodologia**. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.

\_\_\_\_\_. **Comunicação e folclore: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação e expressão de ideias**. São Paulo Melhoramentos, 1971. 152 p. Il.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013

BRENNER, Anita. **Idols behind Altars: Modern Mexican cultural art and its cultural roots**. New York: Payson and Clark, 1929. 377 p. il.

ECO, Umberto. **O Signo**. Lisboa: Progresso, 1977. 180 p.

\_\_\_\_\_. **Estrutura ausente – introdução à pesquisa semiológica**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1991, 427 p. il.

FRANCASTEL, Pierre. **A Realidade Figurativa Sociologia da Arte**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

LANGER, Suzanne. **Filosofia em nova chave**. São Paulo: Perspectiva, 1971. 210 p.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão et al. 4 ed. Campinas: UNICAMP, 1996. 553 p.

LUHMANN, Niklas. “Teoria dos sistemas, teoria evolucionista e teoria da comunicação”. In: LUHMANN, Niklas. **A improbabilidade da comunicação**. S/l: Vega. 1992. Partes II-IV. p. 96-126

MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular**: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção Comunicação)

METZ, Christian. **A análise das imagens**. Tradução de Luis Costa Lima e Priscila Viana de Siqueira. Petrópolis: Vozes, 1974

MOLES, Abraham. **Teoria da informação e percepção estética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969

OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. “do Brasil às Américas: a memória social e coletiva a partir dos ex-votos.”. In: **36º ANPOCS**. Águas de Lindóia, São Paulo, 2012.

\_\_\_\_\_. “Forma e conteúdo”. In: **Revista de história da Biblioteca Nacional**. Ano 4, número 41, p. 30-31. il. Fevereiro de 2009

PANOFSKY, Erwin. **O significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1976. 444 p. Il.

REDE FOLKCOM. Disponível em <https://www.redefolkcom.com.br/> . Acesso em 01 de janeiro de 2026

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias**. São Paulo: Razão Social, 1992. 137 p.

SILVA, Maria Augusta Machado da. **Ex-votos e orantes no Brasil**. Rio de Janeiro: MHN; MEC, 1981. p. 120. il.

VALLADARES, Clarival do Prado. A iconologia africana no Brasil. **Revista Brasileira de Cultura**. Rio de Janeiro, jul./set. 1969. p. 37-48.